

## Compreender o Estranho

Métodos reconstrutivos das Ciências Sociais, no Serviço Social, na Alemanha

Ernst-Uwe Küster\*

**Resumo** – Como podemos compreender os destinatários e as destinatárias do Serviço Social em seus mundos da vida? Como podemos interpretar adequadamente seus desejos, sonhos, suas situações individuais de vida, os potenciais de sua biografia e também as feridas de sua vida e o sentido específico de seus mundos culturais? Como fazer justiça às suas obstinações sem instrumentalizá-los juntamente com seus mundos subjetivos, sem idealizar aquilo que nos parece estranho neles, que talvez não nos agrade, que nos inquieta e amedronta? Por trás destas perguntas, num primeiro momento, muito concretas e voltadas à práxis, ocultam-se discussões decisivas para o Serviço Social na Alemanha, não apenas sobre seus métodos, mas também sobre sua identidade profissional, seu lugar como disciplina, seu posicionamento sociopolítico e as possibilidades da formação superior. Nestas discussões, jogam um papel importante as metodologias das ciências sociais, métodos compreensivos, assim como relatos etnográficos e entrevistas narrativas, que são analisadas hermeneuticamente em seminários de ensino-aprendizagem do curso.

**Zusammenfassung** – Wie können wir die AdressatInnen der Sozialen Arbeit in ihren Lebenswelten verstehen? Wie können wir ihre Wünsche, Träume, ihre je individuellen Lebenssituationen, ihre biografischen Potentiale wie auch die „Beschädigungen ihres Lebens“, den spezifischen Sinn ihrer kulturellen Welten angemessen deuten, ihrem Eigensinn gerecht werden, ohne sie und ihre subjektiven Welten zu funktionalisieren, ohne das für uns Fremde an ihnen, das uns vielleicht nicht behagt, das uns beunruhigt und ängstigt, passend zurecht zu machen. Hinter diesen zunächst sehr konkreten und auf die Praxis bezogenen Fragen verbergen sich für die Soziale Arbeit in Deutschland entscheidende Diskussionen nicht nur über ihre Methoden, sondern auch über ihre professionelle Identität und fachlich-disziplinäre Heimat, ihre sozialpolitische Positionierung und die Möglichkeiten der hochschulischen Ausbildung. Eine besondere Rolle spielen in diesen Diskussionen sozialwissenschaftliche Methodologien und Methoden des Verstehens, wie ethnografische Berichte und narrative Interviews, die in Lehr-/Lernwerkstätten des Studiums hermeneutisch ausgewertet werden.

### Introdução

No seu livro *Um brasileiro em Berlim*, João Ubaldo Ribeiro (1995) descreve suas experiências enquanto estrangeiro na Alemanha, as curiosidades que ele viu e viveu no

---

\* O autor é assistente na Faculdade de Serviço Social na Universidade de Kassel. Suas temáticas de pesquisa são: formação de jovens e adultos, profissionalização do Serviço Social, infância e adolescência, assim como métodos qualitativos de pesquisa no Serviço Social.

estrangeiro e entre estrangeiros. Exatamente hoje, vivendo uma situação semelhante, consigo compreender muito bem suas estranhezas e reflexões.<sup>1</sup>

Minha estada aqui representa a situação clássica de um etnógrafo que tem de orientar-se numa cultura estranha. A questão, portanto, é verificar o que interliga a etnografia, métodos etnográficos e outros métodos científicos preocupados com a compreensão do estranho, com o Serviço Social na Alemanha, pois, em última instância, o Serviço Social refere-se, com poucas exceções, aos próprios compatriotas, desdobrando-se na cultura própria. A fim de poder responder essa pergunta, preciso abordar aspectos um pouco mais gerais e esboçar alguns problemas centrais do Serviço Social na Alemanha.

## 1 Em busca da especificidade da disciplina e a incerteza metodológica

Talvez, diferentemente da situação no Brasil, o Serviço Social na Alemanha tem, antes de tudo, um problema consigo mesmo. São objeto de reflexão tanto a teoria, quanto a prática do Serviço Social; questiona-se sua relação com a política, a sociedade e as demais ciências e, com isso, também sua própria base metodológica. É bem provável que isso tenha a ver com a tendência tradicional dos alemães de, inicialmente, colocar tudo em xeque, duvidar de tudo e meditar, profundamente, sobre tudo, antes de levar algo a efeito – supondo-se que se faça isso, finalmente. Porém, o autoquestionamento e reflexão não contêm apenas algo destrutivo; ao contrário, possuem também traços produtivos, exatamente ao se tratar de uma “Ciência do Homem”.

Desde seu começo, o Serviço Social na Alemanha vem tendo um problema com sua partitura, no concerto das ciências, como se ele a tivesse extraviado, ou melhor, a partitura parece precisar ser, sempre de novo, retocada ou reescrita. Ele não gosta de ver-se colocado na faixa das Ciências Aplicadas, de tipo Engenharia; o Serviço Social sente-se muito mais ligado às disciplinas clássicas, isto é, à Teologia, por exemplo, ao Direito e à Medicina. Esta orientação, certamente, tem algo a ver com o fato de as profissões daí deduzidas gozarem de

---

1 Este texto foi originalmente apresentado como palestra em 9 de agosto de 2004 na PUCRS, em Porto Alegre. Ele busca captar e aglutinar as reflexões que resultaram da discussão com colegas da Faculdade de Serviço Social daquela Universidade, ocorrida durante uma permanência de quatro meses e meio como pesquisador. A pesquisa foi possível graças a uma bolsa do DAAD, ao qual quero expressar aqui minha gratidão. Agradeço, igualmente, aos colegas, sempre prestativos e pacientes.

um status social mais elevado – naturalmente gratificado com uma remuneração melhor. Porém, trata-se na verdade – formulado em termos da teoria dos sistemas – da ocupação exclusiva de um espaço social de competência específica do Serviço Social e sem se ver questionado por parte de outras ciências. Trata-se, portanto, de seu domínio específico enquanto disciplina. Até hoje, esta procura pelo domínio disciplinar específico não surtiu efeito, levando o Serviço Social apenas a adequar elementos teóricos, encontrados no confronto com outras áreas científicas, a suas próprias necessidades e a implantá-los na sua própria casa. Em consequência disso, a sua arquitetura fica multifacetada e sua estática leva à suspeita de ser bastante frágil. Às vezes, pediu empréstimo às Ciências Políticas, às vezes, a preferência recaiu sobre a Pedagogia ou a Sociologia; ou, ao contrário, constatava-se a existência de uma cientificidade própria do Serviço Social sem, no entanto, poder fundamentá-la adequadamente. Um indicador desse “mosaico”, na história da teoria, está no fato de, até hoje, a maioria dos professores, na formação do Assistente Social, pertencer a disciplinas alheias à área.

Essa busca de orientação não deixou de ter consequências tanto para a teoria, quanto para a práxis. Ao longo das últimas décadas, a práxis do Serviço Social vem vivendo várias ondas, cujos efeitos se mostram, antes de tudo, no âmbito dos métodos. Depois de uma onda de planejamento, de feição tecnocrata, seguiu-se um “psicoboom”, para, pouco depois, dar lugar a uma onda de juridificação, ao passo que encontramos, atualmente, uma onda de economicização. Para dizê-lo mais concretamente: questionados por pessoas externas acerca de suas atividades, os Assistentes Sociais apontam para o seu trabalho enquanto planejamento social ou serviço de terapia familiar, execução da legislação social ou a distribuição socialmente justa dos recursos e o oferecimento de benefícios sociais, porém, dificilmente se pode ouvir que eles estejam realizando simplesmente um trabalho social. Ainda que isso pudesse parecer contraditório, a todas estas ondas vinculava-se a esperança, por parte dos profissionais, de encontrar, finalmente, uma identidade profissional capaz de sinalizar para fora sua competência e habilidade e, para dentro, fortalecer sua autoconsciência profissional. Atrás disso esconde-se o dilema fundamental de que o trabalho social está agindo no dia-a-dia e na vivência prática, tendo que legitimar, sempre de novo, por que seu trabalho não poderia ser realizado também por leigos instruídos que deveriam dispor apenas de um conhecimento suficiente da área e de um entendimento humano sadio – tipo “trabalho doméstico profissionalizado” ou “maternidade enquanto profissão” (Sachße, 2003).

Enquanto o Serviço Social preocupava-se predominantemente consigo mesmo e os debates internos muitas vezes se reproduziam, a sociedade vem se transformando muito rapidamente ao longo das últimas décadas. Isso lhe causou conseqüências favoráveis e, também, desfavoráveis. No decorrer da expansão contínua do Estado do Bem-Estar, com a reforma do sistema educacional e, não por último, com a ascensão econômica de grande parte da população que contava entre a clientela do Serviço Social, este serviço transformava-se, com certa naturalidade, numa oferta de serviços normal que vem se ampliando até hoje. Assim, a estatística profissional e das vagas disponíveis revela que, na Alemanha, 1,2 milhão de pessoas trabalha nas profissões sociais, ou seja, aproximadamente 3% de toda população economicamente ativa. Ou, para apontar um exemplo mais prático e ao mesmo tempo comparativo, pesquisando na cidade de São Leopoldo, RS, fui informado de que, na área da assistência a crianças e adolescentes daquele município, estariam trabalhando 8 Assistentes Sociais municipais e 5 Conselheiros Tutelares, responsáveis para uma cidade de 200.000 habitantes. Em contrapartida a isso, encontrei, por ocasião de uma pesquisa numa área considerada “foco de tensões sociais” de uma grande cidade alemã, 37 profissionais sociais que, juntos, cuidavam de um bairro que inclui apenas poucas ruas. Ainda que este exemplo da Alemanha não deva ser tomado como representativo, senão como escandaloso, a história do Serviço Social representa aí uma história de sucesso que levou um de seus representantes mais importantes a falar do século passado enquanto “século social-pedagógico” (Thiersch, 1992). Até aí, temos um lado, o lado brilhante da medalha. Seu outro lado é menos fácil de apresentar e não pode ser contabilizado, pois nele não se espelham as transformações sociais e os problemas do Serviço Social em termos quantitativos, senão em termos qualitativos.

Como disse uma vez Hans Magnus Enzensberger, um dos mais famosos intelectuais alemães, por ocasião de uma visita ao Brasil: “Comparado com o Brasil, nós, na Alemanha, labutamos apenas com problemas de luxo, apesar de todas nossas queixas”. Visto sob o ângulo histórico, isso de certo nem sempre foi assim. Até a época do pós-guerra, a luta contra a miséria existencial, sobretudo do proletariado “miserabilizado” das cidades, fez parte da tarefa principal do Serviço Social. No final dos anos sessenta, início dos anos setenta do século passado, o quadro já mudara fundamentalmente, pois os representantes do Serviço Social, em grande parte politicamente sensibilizados e motivados, preocupavam-se, em primeira linha, com o aumento dos direitos participativos de camadas da população “senhorilmente reprimidas”, objetivando a transformação inicialmente revolucionária,

posteriormente reformista do “capitalismo industrial”. O Serviço Social chegara tardiamente à “luta de classes”, sem se dar conta de que esta já tinha passado de moda. Enquanto fio condutor filosófico-político, o Marxismo ofereceu algo de tranquilizador, pois com ele pareceu apresentar-se o tão esperado berço teórico. Ele providenciava a certeza de um papel social teórica e historicamente embasado; papel este cujo cumprimento era demasiadamente ansiado. Enquanto a contradição entre ser empregado do Estado e, ao mesmo tempo, procurar aboli-lo, pareceu ainda facilmente suportável; surgiu, em seguida, uma contradição a ser vencida com dificuldade muito maior: a clientela do Serviço Social não assumiu o papel a ela atribuído. Como exemplo serve-nos a área do trabalho com crianças e adolescentes – um trabalho que se comprometia com os princípios da voluntariedade e transparência. As consignas conceituais daquele tempo denominavam-se trabalho “anticapitalista” e “emancipatório” com a juventude, ou “juventude em luta de classes”. O que se viu, inicialmente detalhado em termos teóricos, não se prestava a sua efetuação na práxis, pois – não obstante a aplicação de refinamento metódico – crianças e adolescentes não mostravam maior interesse em ver-se politicamente “esclarecidos” e conscientizados frente a sua “condição coletiva de classe”. A namorada, os últimos resultados do futebol ou a motocicleta nova eram muito mais interessantes (Küster 2003). Somente passo a passo, os profissionais da área e seus teóricos começaram a perceber que, ao pressupor necessidades objetivas, teoricamente deduzidas, das crianças e dos adolescentes e orientar seu trabalho nestes pressupostos, eles não atingiam seu público alvo. Em última instância, o debate acerca de quem deveria ou poderia definir as necessidades de quem – pois também os profissionais da área tinham suas necessidades bem específicas – levou a uma virada pragmática (Lange; Muller; Ortmann, 1980). O cotidiano foi redescoberto e, no centro dos esforços, passou a estar cada vez mais a pergunta se efetivamente conhecemos e compreendemos as crianças e os adolescentes, suas situações individuais de vida, imagens, desejos, sonhos específicos e o sentido de suas especificidades culturais. Esta pergunta vem se aguçando até hoje, isto é, numa época, na qual o Serviço Social se entrosou politicamente e de modo bastante confortável, na economia social do mercado.

## 2 O Serviço Social na sociedade de risco

Frente ao que o sociólogo Ulrich Beck (1986) descreve como sociedade de risco, o Serviço Social, nas nações industrializadas do Ocidente, está enfrentando problemas e desafios, aos quais ele tem de dar respostas e soluções tanto práticas, quanto teóricas:

- Em decorrência da individualização de chances e riscos sociais, não se pode mais pressupor que haja algo como classes sociais e problemas sociais que afetem grandes grupos da população na mesma forma e intensidade. Até mesmo falar de camadas sociais torna-se difícil. Também, em relação àqueles casos que se caracterizam pelas condições de vida objetivamente comparáveis, como, por exemplo, casos referentes à remuneração e ao nível de formação, trata-se muito mais de estilos individuais de vida semelhantes e de pequenos ambientes sociais, cujas características específicas ainda necessitam de ser reconstruídas.
- Em conseqüência disso, o Serviço Social hoje não pode mais estar seguro quanto aos grupos tradicionais de sua clientela. Por um lado, ele chegou a ser um benefício social normal, tendo perdido seu caráter fundamentalmente estigmatizante, pois, hoje, mesmo um banqueiro pode aparecer numa repartição de aconselhamento educacional, sem perder sua boa reputação. Por outro lado, com esta perda de delimitação e a correlata responsabilização do Serviço Social por todos os campos da vida e todas as pessoas – “desde o berço até o féretro” – vem crescendo a insegurança de como dar conta, de modo adequado e com profissionalismo, da abundância dos mais variados problemas.
- Para a assistência individualizada e também para o trabalho social-pedagógico de aconselhamento e educação em grupos, a crescente individualização e biografização – isto é, a maior liberdade de planejar mesmo sua vida, porém também a obrigação de ter de legitimar individualmente as próprias decisões – significa que estão cada vez menores as possibilidades de orientar-se por algumas poucas biografias clássicas consideradas normais. Hoje em dia, o Serviço Social tem muito mais a ver com biografias tipo “colcha de retalho”, nas quais os indivíduos socialmente isolados e desligados de modelos e afirmações transmitidos pela tradição – tal como, por exemplo, os papéis tradicionais dos sexos que se encontram num processo de dissolução – hão de contar histórias cada vez mais específicas, a serem compreendidas sem que se possa recorrer a padrões de diagnóstico comprovados.
- A individualização e o desvanecimento de orientações tradicionais estão sendo acompanhados, também, pela insegurança crescente de grupos sociais e de pessoas que décadas antes ainda conheceram suas raízes, seu lugar na sociedade, as idéias valorativas nas quais se apoiaram, ou o que haveria de ser de seus filhos. E tudo isso acontece frente a uma pressão crescente do desafio de controlar a si mesmo e a sua vida, e frente à necessidade de “auto-realizar-se”, ou seja, de dar à própria vida um significado e objetivos individuais. Paradoxalmente, opõe-se à perda crescente de orientação uma sucessiva cientifização social da vida particular. Para dar um exemplo concreto: uma mãe solteira, com formação acadêmica e que passa por ser emancipada, chega a consultar uma repartição de aconselhamento educacional porque não consegue mais acertar-se com seu filho rebelde; filho este que a provoca com bandeiras da direita radical e que começou a consumir drogas. Depois do divórcio, seu filho tornou-se cada vez mais o centro de sua vida, ao lado de seu trabalho profissional. Coerente com sua própria história, ela vem seguindo o princípio de não querer ser autoritária e de discutir problemas racionalmente

até sua solução. Assim como cresce seu desespero, fica-lhe enigmático o porquê de seu filho ter-se assemelhado, a seu ver, cada vez mais ao seu avô que, por sua vez, estivera profundamente envolvido no nacional-socialismo. Com amplo conhecimento histórico, ela é bem versada quanto ao aconselhamento educacional e familiarizou-se detalhadamente, através da literatura especializada, com o problema de adolescentes com mentalidade nacionalista. Neste caso, a conselheira social não tem mais vantagem considerável de conhecimento; ao contrário, ela corre o risco de ver-se, ela mesma, sendo ensinada. No intuito de contribuir, neste ponto, com a comparação entre o Serviço Social da Alemanha e do Brasil, para esta mãe, seu problema de modo algum é um problema de luxo, mas aponta para uma crise vital altamente existencial.

No seu todo, o quadro geral mostra-nos que o Serviço Social se vê confrontado com problemas sociais novos, mais complexos e contraditórios, e que o “instrumental metodológico” antigo cada vez menos leva ao sucesso. Além disso, ele está ameaçado de perder o exclusivo saber profissional “tecnológico”, típico da profissão. Mais ainda: no decorrer das experiências dolorosas, acima expostas, devido à suposição de necessidades “objetivas” – cuja consideração leva, em última instância, novamente, a outra forma de interdição e instrumentalização – nasceu o entendimento de que, em princípio, somente a autonomia de agir da clientela pode ser o fio condutor do trabalho profissional, ou seja, somente suas interpretações individuais de si mesmo e de seu mundo. Entretanto, a fim de podermos nos “movimentar” profissionalmente neste campo, será necessário, antes de tudo, um procedimento metódico, capaz de reconstruir e interpretar essas concepções e as construções de sentido nelas contidas, com o objetivo de entendê-las. Com essas observações, o círculo se fecha e cheguei de novo à minha temática propriamente dita.

Inicialmente, descrevi que o Serviço Social na Alemanha perpassou, em busca de sua especificidade disciplinar, sempre de novo as ciências afins, no intuito de delimitar-se, por um lado, e por outro, para descobrir novos conhecimentos teóricos. No que tange ao tema aí apresentado, ele conseguiu algo nas Ciências Sociais, mais precisamente, em partes da Sociologia e da Etnologia. Nada mais natural do que dirigir-se para lá, onde se realizou, já faz tempo, uma virada interpretativa e onde a compreensão do mundo e a decifração do estranho fazem parte do dia-a-dia; porém, com um objetivo diferente, a saber, o esclarecimento e a pesquisa científicos. Entrementes prevaleceu a convicção de que se trata aí de dois pares diferentes de sapatos que seguem lógicas diversas, sem que uma pudesse ser simplesmente traduzida na outra. No entanto, abordarei ainda os problemas ligados à adaptação desses métodos mais adiante.

## 2 Reflexões metodológicas

A preocupação com métodos de compreensão de sentido, oriundos das Ciências Sociais, no Serviço Social, não é consequência – como em outros casos de inovação – do desenvolvimento na práxis, senão que tem sua origem num interesse acadêmico. Tampouco foram os professores da área do Serviço Social que chamaram a atenção para essa questão, senão sociólogos que, embora ensinando nas universidades e dentro do campo do Serviço Social, eram domiciliados na Sociologia do conhecimento e no Interacionismo simbólico. Além disso, descobriram-se, de novo, os clássicos da Sociologia enraizados na Escola de Chicago, do pragmatismo estadunidense, que tentaram, há tempo, aplicar os métodos da compreensão do estranho, conhecidos da Etnografia, à própria cultura. Este desenvolvimento coincidiu com a pesquisa estadunidense da profissão e dos campos profissionais; desenvolvimento esse que encontra em Anselm Strauss (1994; Glaser/Strauss, 1974) sua figura simbólica. Também, na Alemanha, o debate acerca da profissionalização levou a pesquisa social-pedagógica a voltar-se sobre o próprio campo de ação e a reconstruir o que os Assistentes Sociais na verdade fazem; a pesquisa tornou-se, assim, cada vez mais auto-reflexiva. Fritz Schütze (1994), um ex-colega da Universidade de Kassel, foi o primeiro na Alemanha que não apenas investigou a práxis do Serviço Social por meio dos métodos da análise biográfica e da Etnografia, mas apresentou, além disso, um esboço referente à possível contribuição de tais métodos para a ampliação e garantia de reflexividade do agir profissional no campo do Serviço Social. Simultaneamente, originaram-se nele impulsos visando à implementação destes métodos na formação dos Assistentes Sociais. A partir daí, foram criadas oficinas de pesquisa (Homfeldt; Schulze-Krüdener; Honig. 1999), à base da integração de ensino e aprendizagem, nas quais os alunos estão sendo instruídos em métodos das Ciências Sociais e onde eles aprendem também a analisar a própria práxis futura da profissão a partir de um ponto de vista externo. Ao invés de agir, posteriormente, como simples aplicação de métodos, isto é, aplicar, de modo tecnológico, o conhecimento aprendido, trata-se da tarefa de refletir e controlar, criticamente, estes métodos. Uma qualificação, portanto, que reage mais adequadamente aos problemas da práxis, acima descritos (Jacob; Wensierski, 1997).

Na prática, isto significa que os alunos se entregam ao “campo” e levantam, ao longo



de seu estágio, materiais científicos como, via de regra, entrevistas parcialmente biográficas ou recortes de interações, respectivamente, registros de observações participativas, condensados em descrições etnográficas. No projeto de pesquisa, estes materiais estão sendo submetidos à reconstrução hermenêutica e interpretados quanto ao seu significado. O exemplo que segue – do campo do trabalho com crianças e adolescentes – deveria ilustrar como uma tal descrição pode apresentar-se (Küster 2003). Trata-se de uma descrição etnográfica de uma cena, que toma como ponto de partida o caso de um adolescente migrante de origem turca, do qual o Assistente Social Lutz julga

[...] que ele representa ‘um risco para si mesmo e para os outros’, e que, em conseqüências de alguns acontecimentos espetaculares, foi entregue à repartição fechada de uma Psiquiatria, enquanto caso de urgência. Pouco tempo depois, na manhã de uma segunda-feira, Lutz constata com surpresa, ao entrar no pátio da casa, que durante o fim de semana, o carro do jovem, aparentemente sem condições de andar, foi estacionado, apoiado precariamente, ao lado do motorista, numa velha bateria de arranque e numa pedra. Em seguida, Lutz toma conhecimento da fuga do jovem que, desde então, se esconde num lugar desconhecido. Frente ao perigo oriundo do carro para as crianças que brincam e os adolescentes que gostam de experimentos, e, em última instância devido ao destino incerto do jovem, Lutz vê-se sob a pressão de agir. Deveria ele mandar guinchar o carro por conta do jovem, do qual ele sabe que está sem dinheiro? Com isso, no entanto, ele iria apenas piorar a situação precária na qual o fugitivo se encontra. De imediato, ele se dá conta que precisa de outras informações para poder avaliar melhor a situação. À tarde, não há ainda movimento maior na casa da juventude. Apenas quatro menores masculinos, com idade mais avançada, encontram-se à mesa jogando cartas. O Assistente Social se aproxima deles, acompanha-os durante um tempo e pergunta, finalmente, como que de passagem, pelo paradeiro do jovem procurado. Sem levantar o olhar ou mostrar outra reação, um dos jogadores de cartas reage à pergunta com uma voz discreta: um breve estalar de língua, meio assobiado, através de um passageiro balanço afirmativo da cabeça em direção ao Assistente Social. Visivelmente inquieto, Lutz sai do cenário em direção ao seu escritório. O que aconteceu? Embora cada um dos visitantes da casa dos jovens teria estado disposto, com boa vontade, a oferecer maiores informações, era necessário manter a postura frente aos demais; uma lei não escrita de honra proíbe falar aí livremente. Com a expressão assobiada, sinalizava-se, em princípio, a disposição de cooperar; porém, somente a sós, num outro lugar e numa outra hora. Tendo este sinal em vista, o Assistente Social pôde sentar-se em seu escritório, certo de que, em seguida, um dos adolescentes iria procurá-lo.

Naturalmente, todos os participantes tinham plena consciência do significado dessa situação e do gesto; porém, dificilmente eles se deram conta da estrutura paradoxal de seu agir, na qual eles se encontravam envolvidos. O paradoxo que se constitui entre o código de honra, válido entre eles, e a lealdade na relação com o Assistente Social, não pode ser resolvido em nível metacomunicativo; ele se viu intuitivamente solucionado através de outro paradoxo. Pois, por um lado, o adolescente não pode ser

obrigado pelos outros a prestar contas pelo uso da expressão assobiada que, no dia-a-dia da casa da juventude é usada freqüentemente, visando a coisas bastante variadas; afinal, ele não disse claramente nada de unívoco. Por outro lado, no entanto, este comportamento relacionado à situação específica, sinalizava para o Assistente Social um indicador unívoco, a ele dirigido.

Até aí temos o relatório etnográfico de um campo clássico do Serviço Social, tal como apresentado e interpretado numa oficina de pesquisa. Ele descreve uma situação à primeira vista pouco importante e discreta, porém de máxima importância simbólica para a compreensão do Serviço Social e suas regras específicas. O aspecto decisivo deste relatório não é o que o estagiário fez ao longo de sua estadia; isto não se diferenciava do usual. O que importa é a inusitada postura interna do estagiário. Ele não procurou o que cada um de nós estaria procurando instintivamente, num mundo e numa situação a nós estranhos, a saber, procurar o que nos é familiar, pelo que podemos nos orientar dando-nos segurança. Ele se entregou, ao contrário, à irritação experimentada, procurando, de fato, o estranho. É isso que dele fez um etnógrafo (Hirschauer; Amann, 1997; Friebertshäuser, 1996; Muller, 2001).

A qualidade específica de tais descrições consiste em que, no processo de exploração hermenêutica, tanto se decifra o significado da situação concreta quanto, também, e simultaneamente, se reconstróem e problematizam problemas e dilemas básicos do Serviço Social. Nisso está também seu valor didático. Ao pé da letra, a situação foi vivida na própria pele e, mesmo junto com outros, reconstruída de tal modo, que não apenas a situação, como também o próprio agir, se tornou acessível de modo reflexivo e à base de uma segurança metódica. Nem uma cuidadosa orientação do estágio, nem um seminário teórico teriam evocado semelhante compreensão persistente. Trata-se de um procedimento metódico que, transferido na própria práxis do Serviço Social, pelo menos tenta responder ao problema acima esboçado do Serviço Social.

### 3 Não existe a “pedra filosofal”

As aproximações metódicas há pouco descritas e a forma didática na universidade que as acompanha vêm vivendo um “boom” ao longo dos últimos anos; “boom” este que, entretantes, já está diminuindo, dando espaço à desilusão. Isso tem a ver, entre outras razões,

com as já mencionadas lógicas diferentes do agir científico e social (Beck; Bonß, 1989; Lüders, 1999). É típico para a lógica da pesquisa nas Ciências Sociais que ela, por assim dizer, detém o tempo. Uma fase do agir está sendo conservada, transferida para um outro lugar e interpretada com toda tranqüilidade; aliás, algo que caracteriza, também, o espaço universitário – pelo menos na Alemanha – enquanto lugar de uma moratória biográfica que, em princípio, libera os alunos, por algum tempo, das coerções sociais de sua reprodução, oferecendo-lhes a oportunidade da experimentação e da busca. Em contrapartida a essa situação, a postura do Serviço Social vê-se cunhada por uma pressão permanente de agir, que permite apenas em oportunidades raras uma tal “parada no tempo”, algo que certamente vale tanto para o Brasil, quanto para a Alemanha. Além deste aspecto mais técnico, vem se mostrando que a concepção de formar, na universidade, um hábito científico, posteriormente efetivo na prática profissional, é apenas uma ilusão idealista. As rotinas e coerções de agir que aí regem provocam um hábito profissional próprio e muito diferente. Até hoje, não há, portanto, um procedimento metódico que, como desenhado, se aplique de modo considerável na práxis do Serviço Social.

Mesmo assim, este discurso e a forma de ensinar causaram efeitos na práxis. De certo modo, existe, às vezes, a oportunidade para os Assistentes Sociais de encomendar pareceres de cunho de análise biográfica, junto a instituições externas especializadas. Isso, porém, é muito caro – também para as condições na Alemanha. Entretanto, métodos etnográficos e reconstrutivos de biografias vêm entrando nos procedimentos do planejamento e da avaliação do Serviço Social. Por exemplo, onde se pesquisa e observa, numa fase preliminar, crianças e adolescentes no seu dia-a-dia, quando se trata de iniciar serviços novos ou de tornar mais atraente para eles o espaço municipal. Aí, eles estão sendo tomados a sério enquanto “especialistas acerca de si mesmos”. A impressão mais determinante, deixada pelos métodos em debate, encontra-se em outros campos do Serviço Social, a saber, onde eles tinham seu ponto de origem, ou seja, na pesquisa científica de sua própria práxis e de seus profissionais. É aí onde eles contribuem expressivamente ao projeto da profissionalização que iniciou com a reflexão sobre si mesmos e o certificar-se empiricamente.

### Referências

Beck, Ulrich (1986): Risikogesellschaft. Auf dem Weg in eine andere Moderne. Frankfurt am Main.

- Beck, Ulrich/Bonß, Wolfgang (Hrsg.) (1989): Weder Sozialtechnologie noch Aufklärung. Analysen zur Verwendung sozialwissenschaftlichen Wissens. Frankfurt am Main.
- Cloos, Peter (2004): Biografie und Habitus. Ethnografie sozialpädagogischer Organisationskulturen. Kassel (Diss.).
- Friebertshäuser, Barbara (1996): Feldforschende Zugänge zu sozialen Handlungsfeldern. Möglichkeiten und Grenzen ethnographischer Feldforschung. In: neue praxis, 26. Jahrgang, Heft 1, S. 75-86.
- Glaser, Barney G./Strauss, Anselm L. (1974): Interaktion mit Sterbenden. Beobachtungen für Ärzte, Schwestern, Seelsorger und Angehörige. Göttingen.
- Hirschauer, Stefan/Amann, Klaus (Hrsg.) (1997): Die Befremdung der eigenen Kultur. Zur ethnographischen Herausforderung soziologischer Empirie. Frankfurt am Main.
- Homfeldt, Hans Günther/Schulze-Krüdener, Jörgen/Honig, Michael-Sebastian (Hrsg.) (1999): Qualitativ-empirische Forschung in der Sozialen Arbeit. Impulse zur Entwicklung der Trierer Werkstatt für professionsbezogene Forschung. Trier.
- Jakob, Gisela/Wensierski, Hans-Jürgen von (Hrsg.) (1997): Rekonstruktive Sozialpädagogik. Konzepte und Methoden sozialpädagogischen Verstehens in Forschung und Praxis. Weinheim und München.
- Küster, Ernst-Uwe (2003): Fremdheit und Anerkennung. Ethnographie eines Jugendhauses. Weinheim u. a.
- Lange, Klaus/Müller, Burkhard/Ortmann, Friedrich (1980): Alltag des Jugendarbeiters. An wessen Bedürfnissen orientiert sich die Jugendarbeit? Neuwied.
- Lüders, Christian (1999): Pädagogische Ethnographie und Biographieforschung. In: Krüger, Heinz-Hermann/Marotzki, Wilfried (Hrsg.): Handbuch erziehungswissenschaftliche Biographieforschung. Opladen, S. 135-146.
- Müller, Burkhard (2001): Praktiker als Forscher – Forschen als Praxis: Eine Wahlverwandtschaft? In: neue praxis, 31. Jahrgang, S. 3-8.
- Ribeiro, João Ubaldo (1995): Um Brasileiro em Berlim. Crônicas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Dt.: Ein Brasilianer in Berlin. Frankfurt am Main 1994.
- Sachße, Christoph (2003): Mütterlichkeit als Beruf. Sozialarbeit, Sozialreform und Frauenbewegung 1871 bis 1929. Münster.
- Schütze, Fritz (1994): Ethnografie und sozialwissenschaftliche Methoden der Feldforschung. Eine mögliche methodische Orientierung in der Ausbildung und Praxis der Sozialen Arbeit? In: Groddeck, Norbert/Schumann, Michael (Hrsg.): Modernisierung Sozialer Arbeit durch Methodenentwicklung und -reflexion. Freiburg im Breisgau, S. 189-297.
- Strauss, Anselm L. (1994): Grundlagen qualitativer Sozialforschung. Datenanalyse und Theoriebildung in der empirischen soziologischen Forschung. München.
- Thiersch, Hans (1992): Das sozialpädagogische Jahrhundert. In: Rauschenbach, Thomas/Gängler, Hans (Hrsg.): Soziale Arbeit und Erziehung in der Risikogesellschaft. Neuwied u. a., S. 9-25.

Thole, Werner (2003): „Wir lassen uns die Weltsicht nicht verwirren“. Rekonstruktive, qualitative Sozialforschung und Soziale Arbeit – Bericht über eine ambivalente Beziehung. In: Schweppe, Cornelia (Hrsg.): Qualitative Forschung und Sozialpädagogik. Opladen, S. 43-67.